

ENTREVISTA

Para dar continuidade ao propósito de publicar, a cada número da Revista, uma conversa que revele a trajetória de profissionais que se dedicam a promover a vida humana por meio da arte, apresentamos aqui a entrevista feita com a musicoterapeuta Jônia Maria Dozza Messagi. Professora, musicoterapeuta e mestre em Educação, Jônia formou-se em Educação Artística com Habilitação em Música, na Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP) – atual Faculdade de Artes do Paraná (FAP), em 1977. Na sequência tornou-se especialista em Musicoterapia na FAP em 1979, e em Metodologia do Ensino Superior em Educação Artística em 1986, na mesma instituição. Com a transformação da Especialização em Musicoterapia em curso de graduação, após realizar as necessárias adaptações curriculares, conquistou o diploma de bacharel em Musicoterapia, também na FAP, em 1990. Titulou-se mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 1997 e concluiu o curso de Especialização em Psicodrama Pedagógico e Social Clínica Contexto-FEBRAP em 2003.

Profissional sensível e profundamente dedicada ao desenvolvimento da Musicoterapia no nosso Estado, é ela mesma quem nos conta detalhes de sua formação musical. Conforme seu relato, a paixão pela música despertou muito cedo em sua vida, no seio do convívio familiar.

JÔNIA: Nasci em Getúlio Vargas, interior do Rio Grande do Sul, mas passei minha infância e adolescência em Passo Fundo, onde estudei acordeão e violão. Mais tarde também estudei flauta e incursionei pelo piano. Venho de uma família que sempre vivenciou a cultura musical como um fator agregador muito forte. Os encontros na família eram sempre momentos onde se cantava muito, principalmente canções italianas, por força da hereditariedade paterna. Na escola participava de muitas atividades artísticas, tocando, dançando, cantando e declamando poesias. Mas o canto, em detrimento dos outros instrumentos que estudei, foi o instrumento musical por excelência na minha vida. O prazer em cantar era sempre muito grande. Cantava em encontros da família, em festas de igreja. Cantei até em programa de rádio – para crianças de 3 a 12 anos, chamado “Clube do Titio”, que acontecia aos domingos às 10:00 horas da manhã. Em casa, tínhamos um baú, que servia de palco onde eu cantava imitando Sarita Montiel, Dalva de Oliveira e Carmem Miranda. Normalmente as “apresentações” aconteciam à noite e o público, era meu pai, minha mãe e minha irmã, esta, muitas vezes tocava no piano valsas, tangos e boleros e meu pai se revezava dançando comigo e com minha mãe. Além de meus pais e minha irmã, uma figura marcante em minha vida foi uma tia, que era irmã religiosa. Essa tia tocava vários instrumentos musicais, além de ser professora de piano, foi uma grande incentivadora

dos meus estudos de música. Posso dizer que sou uma pessoa privilegiada pela história musical que vivi.

REVISTA: Fale um pouco sobre sua trajetória profissional:

JÔNIA: Iniciei meus estudos superiores na antiga FEMP, Faculdade de Educação Musical do Paraná, porque queria ser professora, mas também queria ser musicoterapeuta e para isso era necessário cursar primeiro a licenciatura em música e depois a musicoterapia que na época era curso de especialização. Esse curso de especialização foi transformado em graduação em 1983. Então os antigos alunos fizeram adaptações de disciplinas e de carga horária que foram necessárias para ter esse certificado também. Assim em 1990, após ter feito essas adaptações, passei a ser bacharel em musicoterapia.

Na época em que fiz os dois de anos especialização, o diferencial do curso era a quantidade de horas de estágio. Atuamos em diferentes áreas com a supervisão de professores importantes, tais como a nossa querida fundadora Clotilde Leinig e o renomado psiquiatra Dr. Paulo de Tarso Monte Serrat. Gostaria de salientar que, nessa época, a Professora Clotilde implantou um laboratório de atendimento à comunidade dentro da Faculdade. Os atendimentos aconteciam nas próprias salas de aula. Os espaços não eram os melhores nem os mais adequados para o desenvolvimento de processos musicoterapêuticos. Mas como produzíamos e como era enriquecedor trabalhar com professora Clotilde! Na época não havia escolas especializadas como hoje, por isso, recebíamos pacientes com múltiplas deficiências. A literatura era escassa, mas a prática era de uma riqueza ímpar. Apesar de que, com a deficiência do aspecto teórico, muitas vezes nos sentíamos impotentes, gerando um certo sentimento de angústia. Isso porque víamos as transformações acontecerem e não tínhamos argumentos suficientes para explicar.

Em 1983, a convite da professora Clotilde, comecei a dar aulas no curso de Musicoterapia. Nesse período os atendimentos musicoterapêuticos ofertados à comunidade haviam cessado. Em 1986, com ajuda financeira da 1ª associação de alunos do curso de musicoterapia, foi possível comprar instrumentos musicais e com o auxílio de alguns alunos da graduação, reativamos o Laboratório de Musicoterapia. Fizemos convênios com outras instituições, como a APAE, que levava as crianças até a Faculdade para que fossem atendidas. O Colégio Estadual Tiradentes também encaminhava alguns alunos que tinham dificuldades de aprendizagem. Os pacientes que não encontravam espaço em nenhuma instituição, iam ao laboratório para serem atendidos. No decorrer dessa década e início da década de 90, tivemos inúmeras dificuldades, inclusive com ameaças de fechamento do curso. Acontecia que o número de formandos não era o suficiente para o Estado manter um curso, pois este que gerava custos altos. Com muita luta, fomos levando e mostrando a importância da

musicoterapia. Com isso, o número de candidatos ao vestibular aumentou e a qualidade do curso também mudou. Em 1997, quando retornei do mestrado, criei a Semana da Musicoterapia, com o objetivo de gerar trocas com profissionais de outras áreas e também ampliar os conhecimentos da área específica, numa perspectiva extra curricular.

REVISTA: Você pode relatar um caso que foi marcante na sua trajetória profissional?

JÔNIA: É difícil destacar um caso específico, quando minha mente está povoada de pessoas especiais com músicas especiais e momentos marcantes. A música “Chimarrão” que era o “hino” do paciente, me marcou, não tanto pela música, mas pela personalidade do menino e a forma com que ele cantava. Toda vez ele chegava na sessão cantando essa música, sua alegria e prazer eram visíveis. Ele percutia os pé descalços, com muita intensidade. Ele não usava sapato, só sandálias havaianas, e mesmo assim quando chegava na sessão as tirava. Era comum ele esquecer a sandália na sala e ter que voltar para buscar quando ele e sua tia, já estavam próximos do ponto de ônibus.

Lembro ainda, com carinho, de um menino psicótico cuja família deixou tudo e veio do interior para tratá-lo. Recordo de um surto que ele teve durante a sessão, em que os instrumentos “voavam” pela sala, foi muito forte e eu consegui trazê-lo de volta com uma canção que falava sobre o coração e imitava o som dos batimentos cardíacos. Ele se aninhou no meu colo com a pulsação extremamente rápida e aos poucos foi relaxando e voltando ao estado normal.

Fiz um trabalho com pacientes hemofílicos que me permitiu um envolvimento especial e muitos aprendizados. A doença, para eles, não se resumia ao sintoma biológico. Ela os afetava na sua totalidade e interferia nas suas relações com a vida nos aspectos sociais, afetivos, culturais e de trabalho, alterando o seu cotidiano. A dor era uma constante na vida deles e podia ser real ou também aquela dor “acostumada”, já que, como estavam sempre com dor, a sensação era de que ela sempre continuava ali. Por isso, meu trabalho com eles se baseava na possibilidade de que eles se apossassem da dor e dos sentimentos por ela desencadeados.

Normalmente iniciávamos a sessão com o paciente escolhendo um instrumento que identificasse a sua dor naquele momento. Uma vez, um paciente pegou o atabaque e percutiu com intensidade muito forte. Quando perguntei se a dor do momento era assim, ele disse: “(...) *fica pior ainda.*” Pedi que ele mostrasse a caminhada da dor. Ele então continuou com o atabaque e percutiu pausadamente, aos poucos intensificou o som que ficou quase como se fosse o batimento de um coração acelerado. Ele disse: “(...) *devagarinho ela vai subindo, vai latejando e chega ao grau máximo.*” Perguntei como seria uma dor suportável, então ele escolheu o pau de

chuva, manuseou o instrumento suavemente e disse: “(...) *essa é uma dor que dá perfeitamente pra agüentar.*”

Esses foram momentos que me impactaram muito. Compreendi que eles podiam se apossar de sua dor e de seus sentimentos pela via da manifestação instrumental e também quando cantavam suas canções. No final da sessão, sempre fazíamos um relaxamento. Eles gostavam muito, se sentiam muito bem, segundo o relato deles.

Outro fato importante foi o atendimento a pacientes em cuidados paliativos no Hospital Erasto Gaertner. Como eles se projetavam por meio de músicas específicas para de alguma forma exteriorizar as angustias trazidas pela doença, ou pelo encontro com a finitude. Um paciente, que mesmo estando muito fraco, cantou com vivacidade “... *é preciso saber viver, é preciso saber viver...*”(*Erasto Carlos*), Além de “...*é preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã...*”(*Legião Urbana*). As lembranças são muitas e os sentimentos também... eles oscilam em alegrias, com as conquistas dos pacientes; e tristezas, quando muitos faleciam; e as frustrações quando eu percebia que, para determinado caso, nem a musicoterapia era suficiente. Um fato no entanto é inegável: aprende-se muito com os pacientes, tanto no aspecto profissional, quanto pessoal.

É importante registrar, que além da lembrança dos pacientes, não posso deixar de fazer referência em especial a professora Clotilde e aos colegas, (não menciono nomes para não correr o risco de deixar alguém de lado),que compartilharam dos momentos singulares da trajetória da Musicoterapia, como graduação, na FAP. A utopia da professora Clotilde em implantar a musicoterapia, nos animou a lutar e continuar apesar de todas as dificuldades. Com os colegas reparti as frustrações e as vitórias, ainda que pequenas em cada etapa do percurso de institucionalização do curso. Sou grata pelo privilégio dessa convivência que me ensinou e me enriqueceu.

REVISTA:- Você percebe diferenças entre o tempo que começou a trabalhar com a MT e o trabalho que se desenvolve hoje em dia?

JÔNIA: Felizmente sim, e digo felizmente, não no sentido de desqualificar o que havia sido construído, mas no sentido de que o tempo passou e muitas transformações aconteceram, principalmente no campo teórico. Na época não contávamos com muito material de apoio para a ação musicoterapêutica e as discussões a respeito do assunto eram limitadas. Havia pouca interlocução com outras instituições que formavam musicoterapeutas, porque, além de Curitiba havia somente o Conservatório Brasileiro de Musicoterapia no Rio de Janeiro e, talvez pela distância geográfica, as trocas quase não aconteciam. Posso afirmar, no entanto que em Curitiba a inserção da musicoterapia na comunidade era muito forte.

REVISTA: Qual é a sua percepção a respeito da produção de pesquisas no campo da musicoterapia atualmente.

JÔNIA: É surpreendente ver agora, quanta coisa está acontecendo. Acho que houve um salto muito grande e isso é extremamente importante, porque uma prática científica só se consolida na comunidade acadêmica, pelas produções e informações que gera. O exemplo está na criação da revista Nepim, fruto de um trabalho competente do grupo de docentes, discentes e egressos do curso de Musicoterapia com publicações tão importantes para a área.

REVISTA: Você poderia indicar um ponto forte da prática musicoterapêutica?

JÔNIA: A capacidade de intervir no âmbito da saúde com práticas que possibilitam a melhoria da qualidade de vida para muitas pessoas, principalmente num momento em que as perspectivas se abrem para experiências multi,inter e transdisciplinares.

REVISTA: Você vê alguma limitação na prática da musicoterapia?

JÔNIA: Embora muita coisa tenha mudado, ainda está difícil lidar como meio científico, principalmente em relação à saúde, pois, muitos profissionais de outras áreas e a população em geral, não tem consciência da importância da musicoterapia como prática de saúde. Mas, acho que outro ponto importante, vem da própria comunidade musicoterápica. Os avanços só acontecerão efetivamente, se houver esforço concentrado de mobilização e envolvimento efetivo, com as transformações que a Musicoterapia requer..

REVISTA: O quê você tem a dizer sobre a formação do musicoterapeuta nos dias de hoje?

JÔNIA: Depois de ter vivido, como acadêmica, uma fase em que livros para pesquisa eram raros - embora na nossa época a formação musical fosse bastante sólida pois vínhamos de uma formação em licenciatura em música e também com uma quantidade razoável de experiências em estágios-, acho que as possibilidades que o aluno tem hoje, são imensas. Professores titulados, com a prática da pesquisa muito intensa e inúmeras produções acadêmicas surgindo. Sem sombra de dúvida, os alunos contam hoje com um instrumental teórico e tecnológico muito grande, além do número de musicoterapeutas ser maior, fato que permite melhor interlocução, partilha de informações e experiências. Isso possibilita mais fôlego para lutar por maiores conquistas.

REVISTA: Que mensagem você daria para os musicoterapeutas?

JÔNIA: Acreditar que a musicoterapia é a terapia por excelência deste século, que nós viemos pra fazer a diferença e oportunizar ao ser humano a capacidade de encontro consigo mesmo, de sua transformação e da transformação do entorno. É necessário no entanto assumir a ideia de que o paciente/cliente é um ser social cultural e histórico, que deve ser compreendido nessa dupla dimensão. Só assim contribuiremos para as mudanças que se fazem necessárias no mundo contemporâneo, em especial no que se refere a saúde e a qualidade de vida. Também entendo que a quantidade e multiplicidade de conhecimentos hoje existentes, trazem mais responsabilidade de estudo e de pesquisa em qualquer área, quanto mais na musicoterapia.